

INTRODUÇÃO

“Mas eu me sinto como um barco num mar de palavras ...”

4 de dezembro de 2000. Completo hoje 50 anos e, diante do pequeno computador, vou começar a enésima leitura da dissertação de mestrado. A expressão de admiração do personagem Mário Ruoppolo, o carteiro do filme de Il Postino (O Carteiro e o Poeta, vencedor do Oscar de melhor trilha sonora drama em 96) surge-me emblemática. Também eu me sinto assim diante do imensurável desafio de escrever sobre os compromissos da Comunicação e da Ciência neste fim de século, sem deixar de acreditar no sonho, de me encantar com as eventuais descobertas, sem perder a esperança no amanhã.

O filme inspira-se no suposto exílio do poeta chileno Pablo Neruda numa pequena ilha italiana, onde faz amizade com o carteiro do lugarejo. Fascinado pelo modo de vida do poeta e pelo poder de sedução da poesia junto às mulheres, Mário, mesmo sendo um semi-analfabeto filho de pescador que se resfria só de pensar em enfrentar o mar, tenta entender o que é metáfora pois está disposto, também ele, a escrever versos. Apaixonado pela belíssima Beatrice, recorre ao poeta para lhe ensinar o encanto das palavras.

Neruda procura explicar tecnicamente o processo de construção de um poema, mas sem qualquer êxito. Ambos estão sentados na praia diante do belíssimo azul do Mar Mediterrâneo e, como último expediente, Neruda recita uma de suas poesias em que relaciona o imprevisível ir e vir das ondas com o dos corações apaixonados. Quando termina o soneto, o poeta pergunta: “E então gostou?” E o carteiro faz, sem se dar conta, seu primeiro verso e passa a entender o que é metáfora.

Creio mesmo ser esse o caminho. Valho-me da citação do professor de astronomia e ciências espaciais, o escritor Carl Sagan, falecido em 1996, para seguir adiante. “A Ciência desperta um sentimento sublime de admiração” (1998, p.20).

Tomo também por referência e guia o desabafo, em forma de crônica, do educador Rubem Alves ao lamentar o estudo mecanizado - e muitas vezes oco - das universidades e sua

vontade de lecionar para crianças: “Elas ainda têm olhos encantados” – escreveu o professor. “Seus olhos são dotados daquela qualidade que, para os gregos, era o início do pensamento: a capacidade de se assombrar diante do banal. Tudo é espantoso: um ovo, uma minhoca, uma concha de caramujo (...). Mas as coisas mais importantes não são ensinadas por meio de aulas bem preparadas. Elas são ensinadas inconscientemente. Bom seria se os educadores – leia-se, neste caso, também cientistas – lessem ruminativamente Roland Barthes. Ele descreveu o seu ideal de aula como sendo um espaço – isso mesmo: um espaço! – parecido com aquele que existe quando uma criança brinca ao redor da mãe. Explico. A criança pega um botão, leva para a mãe. A mãe ri, e faz um corropio (Você sabe o que é um corropio?). Pega um pedaço de barbante. Leva para a mãe. A mãe ri e lhe ensina a fazer nós. Ele concluiu que o importante não é nem o botão e nem o barbante, mas esse espaço lúdico que se ensina sem que se fale sobre ele”.

Também era de causar admiração a emoção do professor José Sebastião Witter na primeira semana de dezembro de 1999. O professor despedia-se do cargo de diretor do Museu Paulista da Universidade de São Paulo, o Museu do Ipiranga, por obra e graça de alguns trâmites burocráticos que o obrigaram a antecipar a aposentadoria, após 48 anos de vida acadêmica, dentro da instituição. Uma série de eventos marcou aqueles dias que incluiu a posse da nova diretora, Rachel Glezer, um jantar em sua homenagem organizado pelas lideranças locais e a inauguração da majestosa iluminação externa do centenário prédio do Museu, seu último ato como diretor.

Todos esses momentos, a bem da verdade, surpreenderam esse paulista com olhos de menino espantado, como a olhar o mar pela primeira vez. “Foi o coroamento da minha carreira na USP” – confessaria mais tarde.

O emérito professor doutor em História, membro da Academia Brasileira de Educação, escritor compulsivo, cientista, pesquisador e “marqueteiro” (como ele próprio gosta de se definir) poderia estar olhando – e com justificado orgulho – a luminosidade de uma obra que se revelara impossível há seis anos quando aportou no bairro do Ipiranga. Não sabia da “hercúlea” tarefa que o esperava ali na chamada Colina Histórica.

Chegou para reerguer o combalido prédio do Museu Paulista da Universidade de São Paulo. Àquela época, tão distante da comunidade que lhe emprestou o nome quanto da Academia. O Museu vivia um período de ostracismo e abandono, com a agravante de ter o seu maior patrimônio



(que é o próprio prédio) dilapidado pela devastadora ação do tempo, pela confusa distribuição de responsabilidades no Parque da Independência onde se localiza (há um confronto de poderes entre União, Estado e Município) e pelos resquícios do desmantelamento causado pelo grandiloquente Espetáculo de Luz e Som, que fez apologia do regime militar em 1972, ano do sesquicentenário da Independência.

Diante da difícil tarefa, o professor começou por convocar todas as forças vivas que poderiam cerrar fileiras em prol do símbolo maior da nossa História. Revelou-se único – e imbatível – nesta função de agregar os diversos segmentos da sociedade. Fez o *tour de force* entre as entidades e associações do bairro, o seletivo grupo de professores da USP, intelectuais de todas as matizes, a iniciativa privada, ministros e secretários da área de Cultura e todos aqueles que quisessem – ou mesmo se dispusessem – a ajudar. Durante três anos, o Museu Paulista viveu a epopéia da maior reforma de sua centenária existência, orçada em nada menos de 7 milhões de dólares.

Cabe aqui, ainda que em breves linhas, explicar o verdadeiro estado do Museu em 94. Era tal a precariedade de suas instalações que uma de suas torres, a da ala direita, corria sério risco de desabar, corroída que estava por infiltrações de água e ameaçadoras rachaduras. Na ocasião do “Luz e Som”, gigantescos holofotes e caixas acústicas poderosas foram fixados sobre o prédio. Mesmo depois que o show foi desativado, os aparelhos ficaram ali abandonados, o que acabou por degenerar todas as estruturas e provocar um considerável estrago.

Os representantes da comunidade ipiranguista são unânimes em reconhecer o líder de talento incomum, com forte poder aglutinador e, principalmente, empreendedor. “Alguém capaz de ir além das palavras, de transformar a realidade. Fazer valer o sonho”, como reconheceu o deputado estadual, eleito pela região, Alberto Hiar, o Turco Loco.

O Museu do Ipiranga vive nesta virada de século um de seus momentos de maior relevância – é o segundo museu mais visitado do País (algo em torno de 250 mil pessoas/ano), só perdendo para o Museu de Petrópolis, no Rio de Janeiro. Desenvolve um amplo trabalho de pesquisa e restauro em suas oficinas, além de promover cursos para diversos segmentos sociais e realizar uma série de eventos culturais.

“Quem sabe faz a hora” – o intelectual parafraseou o poeta do cancionero popular (ao lado do futebol, outra de suas paixões) em seu discurso de despedida, na noite de segunda-feira, 13 de dezembro de 1999. Na quinta-feira anterior (dia 9), quando as luzes acenderam pela primeira vez e a silhueta imponente do Museu se projetou aos olhos de todos os deslumbres, o menino/carteiro/poeta Witter olhava para dentro da alma a saborear, entre contidas lágrimas, o doce prazer dos que sabem fazer a hora acontecer e o futuro se tornar presente.

Neste contexto, a proposta deste trabalho é falar do “espaço lúdico” de conquistas, aprendizagem e incentivo à Ciência em que se transformou o Museu do Ipiranga de maio de 1994 a dezembro de 1999. O presente trabalho pretende focar uma página especialmente feliz da nossa História: o resgate da imagem centenária do Museu Paulista da Universidade de São Paulo, popularmente conhecido como Museu do Ipiranga, e sua projeção como uma instituição viva e

participativa na virada do Terceiro Milênio. O estudo tem como fio condutor a atuação do professor José Sebastião Witter, diretor do Museu durante quase seis anos, período em que realizou a maior de todas as reformas da longa história da instituição, que completou 110 anos, em setembro de 2000.

1.1 - Objetivos

1.1.1 - Objetivo geral

Examinar os processos comunicacionais com ênfase na mídia impressa que envolveram o resgate da imagem do Museu do Ipiranga como uma instituição viva, socialmente ativa e participativa. E entender as diferentes concepções/conceituações do papel do Museu na história do País.

1.1.2 - Objetivos específicos

Analisar o processo de recuperação da imagem do Museu do Ipiranga na administração de José Sebastião Witter (1994-1999) que, com a ativação da reforma do prédio e de algumas estratégias comunicacionais, resgata a integração do museu com os diversos segmentos sociais.

Nesta perspectiva os principais aspectos examinados foram:

- A relação do Museu do Ipiranga com o bairro do Ipiranga - urbanizado a partir da sua construção;
- O papel agregador que o Museu desempenhou no início do século até meados dos anos 50;
- A atuação do Museu no período militar;
- As causas do isolamento e abandono (tanto para a comunidade como para a USP) do Museu nos anos 70 e 80;
- Examinar as estratégias de divulgação do Museu;
- O perfil da instituição como fonte de conhecimento histórico e científico;
- As mudanças de imagem do Museu junto à mídia e à comunidade após a reforma.

1.2 - Questões

Ao abordar o processo de construção da nova imagem do Museu do Ipiranga, a partir da gestão do professor José Sebastião Witter (1994-1999), nos propusemo-nos a analisar as seguintes questões:

- a) Ações de comunicação duradouras em museus não podem prescindir de estratégias de comunicação para a formação de uma cultura científica;
- b) A compreensão do papel dos museus, enquanto instituições vivas de percepção histórica,

- depende diretamente de sua vinculação com a sociedade;
- c) A eficácia de construção da imagem de uma instituição está diretamente ligada ao envolvimento de seus dirigentes;
 - d) O apoio da sociedade na preservação de memória e identidade nacional está relacionada com sua participação ativa;
 - e) Um museu para ser “reconhecido” pela comunidade precisa desenvolver ações que envolvam e sensibilizem todos aqueles que vivem ao seu redor.

1.3 - Metodologia

Trata-se de uma pesquisa qualitativa que tem como objetivo recuperar o papel do Museu do Ipiranga no processo de identidade nacional, ao abordar sua atuação a partir dos anos 70 e com especial enfoque entre 1994 e 1999, gestão José Sebastião Witter. Relacionando sua trajetória às crises nos âmbitos político, econômico e social.

Este tipo de pesquisa leva em consideração “(...) uma investigação crítica dos acontecimentos, desenvolvimentos e experiências do passado, pesagem cuidadosa da evidência da validade de fontes de informação (...) e a interpretação da evidência”.(Kerlinger, 1980, p.347).

A qualificação da informação analisada pelo contexto histórico-social do Museu – como fonte de cultura e história - exige, neste trabalho científico, “(...) uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito” (Chizzotte, 1998, p.79).

Pesquisar sobre a imagem do Museu, na perspectiva de uma instituição viva, participativa e integrada à sociedade requer um entendimento maior do que vem a ser este objeto cuja análise não pode considerá-lo “(...) um dado inerte e neutro; (...), pois está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações” (Chizzotte, 1998, p.79).

Sendo assim, a escolha por uma pesquisa qualitativa dá-se em função da atuação participativa do Museu no meio social que nestes parâmetros requer uma mensuração qualitativa dos dados a serem pesquisados, a partir do enfoque filosófico e prático-científico.

A hipótese trabalhada considerou o Museu uma instituição viva, participativa, refletora da relação entre os dados históricos, políticos, econômicos e sociais que estruturam a sociedade nos processos de adaptação, contestação e ressurgimento de novos paradigmas como a imagem do Museu.

Foi utilizado nesta pesquisa o método do Estudo de Caso que visa estudar, contextualizar e identificar indicadores das mudanças na imagem do Museu do Ipiranga, sendo que se entende por estudo de caso “... uma categoria de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa aprofundadamente...” (Triviños, 1987, p.133).

Triviños cita Bogdan para explicar categorias diferenciadas de Estudo de Caso, a qual destaca-se: “... Estudos de Caso histórico-organizacional (...) o interesse do pesquisador recai sobre a vida de uma instituição (...) e arquivos que registram documentos referentes à vida da

instituição, publicações, estudos pessoais com os quais é possível realizar entrevistas etc.” (Ibidem, p.134-5).

A imagem do Museu do Ipiranga está diretamente ligada à sua integração com a comunidade local. Por esta razão, as variáveis possíveis a serem pesquisadas estão assim delimitadas:

v1: publicações sobre o museu nos meios de comunicação impressos

v2: opinião pública (via mídia)

v3: ações dirigidas à comunidade local

1.3.1 - Procedimentos metodológicos

- Pesquisa de documentos; relatórios oficiais; textos de jornais
- Pesquisa bibliográfica (fontes primárias e secundárias);
- Entrevistas semi-estruturadas;
- Entrevistas em profundidade
- História de vida
- Observação participante

Tipo: Pesquisa de campo / Estudo de Caso do Museu do Ipiranga

Sujeitos - diretor do Museu; líderes comunitários; presidentes da Sociedade Amigos do Museu Paulista - Sampa (dois últimos); presidente da Comissão Estadual das Festividades no Museu dos 500 Anos do Descobrimento e secretário Estadual da Preservação do Patrimônio Histórico.

Amostra Intencional: dois últimos diretores do Museu; assessor de comunicação

Além do levantamento bibliográfico, a pesquisa inicia-se com o arquivo documental de dossiês de matérias jornalísticas e artigos veiculados na mídia impressa, durante o período de 1994 a 1999. Segundo Antônio Carlos Gil,

A pesquisa documental assemelha-se muito à pesquisa bibliográfica. A única diferença entre ambas está na natureza das fontes. Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições de diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa. O desenvolvimento da pesquisa documental segue os mesmos passos da pesquisa bibliográfica. Apenas há que se considerar que o primeiro passo consiste na exploração das fontes documentais, que são em grande número. Existem, de um lado, os documentos de primeira mão, que não receberam qualquer tratamento analítico, tais como: documentos oficiais, reportagens de jornal, cartas, contratos, diários, filmes, fotografias, gravações etc. De outro lado, existem documentos de segunda mão, que de alguma forma já foram analisados, tais como: relatórios de pesquisa, relatórios de empresas, tabelas estatísticas etc. (1994, p. 73).

Para a análise dos dossiês o método utilizado foi o de Análise qualitativa de conteúdos para teorização. Alex Mucchielli define esta forma de análise como: “Uma forma de análise

qualitativa que visa gerar de maneira indutiva uma teorização sobre um fenômeno cultural, social ou psicológico conceitualizando e relacionando progressivamente e com validade os dados empíricos qualitativos recolhidos” (1996, p. 184).

No caso específico do objeto em estudo, consideramos relevante analisar o conjunto de matérias publicadas a respeito do Museu Paulista tomando como premissa que a abordagem dada pela mídia colabora com o processo de formação da imagem da instituição junto à opinião pública.

Observação participante

Como jornalista responsável de Gazeta do Ipiranga, o autor esteve presente nos principais eventos que envolveram o Museu do Ipiranga. Participou de reuniões coordenadas pelo professor José Sebastião Witter junto a outros líderes da comunidade. Participou também como conselheiro da Sociedade de Amigos do Museu Paulista (Sampa).

Portanto, como define Gil (1994), trata-se de uma pesquisa participante a qual “consiste na participação real do observador na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada. Neste caso, o observador assume, pelo menos até certo ponto, o papel de um membro do grupo” (p. 107-108).

Técnica de entrevista

A técnica utilizada foi a entrevista semi-estruturada (Lakatos, 1992, p.107), que permite ao pesquisador preparar previamente um roteiro dos assuntos a serem abordados com o entrevistado. Desta forma o pesquisador pode, no momento da entrevista, introduzir questões que sejam necessárias para uma boa conversação sobre o objeto investigado.

1.4 - Estrutura da dissertação

1.4.1 - Conceituação

Abordamos os conceitos que são fundamentais em nosso trabalho, com especial enfoque para as áreas comuns entre a museologia, a comunicação e a ciência. Damos maior enfoque para os pontos que projetam os museus como uma instituição viva e participativa da vida social.

1.4.2 - O museu

São elementos de nossos registros a origem, a história e os avanços dos museus, como guardiães da memória humanística, fontes de conhecimento e propulsores de avanços científicos e sociais. Há também o surgimento da instituição no Brasil, avanços e dificuldades que hoje

atravessa, mediante equivocadas ações governamentais. Também apontamos alguns caminhos a seguir para que os museus se fortaleçam e consolidem vínculos e progressos.

1.4.3 - O Museu Paulista e o Ipiranga

A região do Ipiranga consolidou-se como bairro a partir da criação do Museu. Seus moradores não abrem mão do prestígio que o vizinho tão ilustre lhes confere. Por isso, é impossível falar de um sem o outro. Neste capítulo, rememoramos a história dessa feliz convivência, geográfica e social. Também realçamos a imponência do Parque Nacional da Independência, que inclui o Monumento da Independência, os Jardins Franceses, a Casa do Grito e a Capela Imperial, além do próprio Museu.

1.4.4 - Museu Paulista: do ostracismo ao apogeu

Reconstruímos aqui o período em que o professor José Sebastião Witter foi diretor do Museu Paulista e promoveu a maior de todas as reformas de sua história. Além da reforma física do prédio, onde foram gastos 7 milhões dólares. Witter integrou diversos setores da sociedade. Começou pelos funcionários, passou pelo corpo docente, comunidade, a própria USP e deu especial ênfase para os eventos e mostras, contando sempre com o apoio dos meios de comunicação.

1.4.5 - Museu Paulista: imagem e comunicação

Conceitos de imagem e de processos comunicacionais são apresentados neste capítulo e aplicados à ação renovadora do professor Witter. Apresentamos também o depoimento dos principais líderes comunitários do Ipiranga, unânimes em apontar Witter como “um grande comunicador”. Há ainda as interpretações de um levantamento documental a partir da cobertura que a mídia impressa realizou sobre o Museu entre os anos 1994 e 1999.

1.4.6 - Conclusões

Integrar o homem à sociedade e à cultura é tarefa de todas as instituições públicas. O Museu do Ipiranga, sempre referência como memória nacional, não pode prescindir de estratégia e política comunicacionais que o projete não só como um centro do saber, mas como uma verdadeira universidade do povo; agente da definitiva transformação social.